

Currículos x Raça: Reflexões Sobre a Irrisória Perspectiva Negra nos Cursos de Jornalismo da UFBA, UFPA e UFMA¹

Bruno de Castro Brito²
Luan Matheus dos Santos Santana³
Universidade Federal do Ceará - UFC

RESUMO

A partir dos ementários dos cursos de Jornalismo, este artigo revela a pouca existência de disciplinas que tratem da questão racial negra nas universidades federais da Bahia (UFBA), do Pará (UFPA) e do Maranhão (UFMA), os três estados mais negros do Brasil. As disciplinas são avaliadas a partir de dois critérios - título e teor da ementa - e a análise documental é feita em perspectiva transmetodológica. Ao todo, 180 módulos foram escrutinados, dos quais apenas 16 tratam da pauta em questão. Consideramos que: no país mais negro fora de África, a irrisória perspectiva deste povo na formação de profissionais que constroem imaginários denuncia uma prática epistemicida que dialoga com o histórico de universidade e com o perfil racial dos jornalistas e docentes.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo; Jornalismo; Raça; Negro; Universidade.

INTRODUÇÃO

Há um hiato entre a publicação do primeiro jornal feito no Brasil, em 1808, e a criação da primeira escola de Jornalismo do país, em 1947. Nestes 139 anos, cinco gerações de trabalhadores da imprensa atuaram sem formação profissional. Muito embora não houvesse a exigibilidade do diploma para exercício da função (justificada pela própria inexistência de um curso superior), essa lacuna é importante para

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, Raça e Interseccionalidade. 33º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói - RJ. 23 a 26 de julho de 2024.

² Aluno do doutorado em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Antropologia. Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. E-mail: bruno.castro.jornalismo@gmail.com

³ Aluno do doutorado em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Comunicação Social. Graduado em Comunicação Social. E-mail: luammatheus@gmail.com

compreendermos o contexto do surgimento da prática da notícia e as consequências dessa dinâmica até os dias atuais.

Sodré (1998) revela que os jornais coloniais serviram à ascensão burguesa e nasceram sob patrocínio da iniciativa privada, o que denota o vínculo dos periódicos com o capitalismo. Numa sociedade forjada na escravização afroindígena, na qual o racismo antecede o sistema do lucro e define a formação política, social e econômica nacional (Gonzalez, 2022), isso foi determinante para os espaços de produção de conhecimento e imaginários.

Elementos históricos que, pelo processo da colonialidade (Quijano, 2005), ajudam a conformar os primeiros cursos de jornalismo e reproduzir estereótipos racistas/coloniais, mesmo após a colonização. Este artigo busca compreender qual o lugar é dado à perspectiva racial nos cursos de jornalismo das universidades federais dos estados mais negros do Brasil.⁴ Diante do exposto, colocamos em perspectiva neste artigo o ementário dos cursos de Jornalismo das universidades federais da Bahia (UFBA), Pará (UFPA) e Maranhão (UFMA).

Adotando uma perspectiva transmetodológica (Maldonado, 2016), realizamos uma análise documental (Sá Silva; Almeida; Guindani, 2009), buscando a compreensão das disciplinas (obrigatórias e optativas) pelo teor dos ementários para averiguar se os currículos tratam a questão racial, em especial a questão negra. Mas não apenas isso. Com componentes teóricos/metodológicos que vão da historiografia, à educação e comunicação/jornalismo, visamos pôr em contraste a análise documental à fotografia racial do Brasil (e, em especial, do Jornalismo - tendo como base para essas interlocuções os estudos “Perfil do Jornalista Brasileiro” (2021) e “Perfil Racial da Imprensa Brasileira” (2021)). Nessa perspectiva, avaliamos ainda que nossa experiência enquanto sujeitos, jornalistas e pesquisadores negros não está apartada das análises aqui apresentadas.

⁴ Bahia, 80,8%; Pará, 79,7%; e Maranhão, 79%. Para mais:

[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Desde%201991%2C%20esse%20contingente%20n%C3%A3o,amarelas%20\(0%2C4%25\) e https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4013:bahia-e-o-estado-mais-negro-do-brasil-com-80-8-da-populacao-preta-ou-parda&catid=8&Itemid=565&lang=pt#:~:text=Not%C3%A Dcias,-Bahia%20%C3%A9%20o%20estado%20mais%20negro%20do%20Brasil%2C%20com%2080,co mposto%20por%20pretos%20e%20pardos\).](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Desde%201991%2C%20esse%20contingente%20n%C3%A3o,amarelas%20(0%2C4%25) e https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4013:bahia-e-o-estado-mais-negro-do-brasil-com-80-8-da-populacao-preta-ou-parda&catid=8&Itemid=565&lang=pt#:~:text=Not%C3%A Dcias,-Bahia%20%C3%A9%20o%20estado%20mais%20negro%20do%20Brasil%2C%20com%2080,co mposto%20por%20pretos%20e%20pardos).)

Corpus e recorrência

Juntos, os três cursos de Jornalismo das universidades aqui em questão (UFBA, UFPA e UFMA) têm 198 disciplinas, sejam elas obrigatórias ou optativas. Todas foram analisadas individualmente e categorizadas considerando dois critérios: o nome do componente e o teor da ementa, informações essas disponibilizadas nos sites oficiais das instituições na Internet⁵ e de caráter público, disponíveis, portanto, para qualquer usuário. Apenas uma (dentre todas as 197) cita a questão racial no título - a optativa “Tecnologia digital, gênero e raça”, da UFBA. Logo, isso atribui às ementas caráter relevante à nossa análise, nos levando ao seguinte demonstrativo dentro do esforço de identificar componentes curriculares que pautam a raça:

Tabela 1: A questão racial

	UFBA	UFPA	UFMA
Total de disciplinas com ementas (obrigatórias + optativas)	54	90	36
Disciplinas que abordam questões raciais	9 (16,6%)	6 (6,6%)	1 (3%)
Disciplinas que não abordam questões raciais	45	84	35

(Fonte: sites oficiais da UFBA, UFPA e UFMA)

Das 180 disciplinas com ementas analisadas nos três cursos, apenas 16 abordam a questão racial e, se levarmos em consideração apenas as obrigatórias, esse número cai para 5. Isso equivale a 8,8% do total de disciplinas e 2,7% das obrigatórias. Esses números fornecem elementos importantes para pensarmos o lugar ocupado pela raça na formação dos jornalistas brasileiros, considerando a recorrência da temática e características da nossa composição enquanto povo.

Mas, afinal, o que essa recorrência representa?

É preciso reforçar algumas questões: a primeira diz respeito ao número de disciplinas obrigatórias (apenas 5 das 180 analisadas - 2,7%), ou seja, aqueles conteúdos

⁵ UFBA: <https://facom.ufba.br/portal/pagina/11/jornalismo>; UFPA: https://sigaa.ufpa.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf?lc=pt_BR&id=5069669; e UFMA: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/curso/curriculo_curso.jsf?lc=pt_BR&id=85804. Acesso em 8 fev. 2024.

pelos quais os estudantes de jornalismo desta universidade devem inevitavelmente passar. O volume maior, da já irritável presença da perspectiva racial negra nos currículos acadêmicos, está nas disciplinas optativas (11 das 180 analisadas - 6,11%), ou seja, aqueles conteúdos pelos quais os estudantes podem ou não cursar.

A segunda questão: um conjunto considerável das disciplinas da UFPA, embora não traga a questão racial, direciona para um debate territorial amazônico. Consideramos esse aspecto importante, uma vez que a presença indígena na região é também um marcador racial que, pelo próprio histórico de apagamento étnico, une povos indígenas aos povos escravizados de África.

Além disso, identificamos lacunas que não são desprezíveis, tampouco aparecem por ausência de debates que interligam a questão racial negra com estudos em Jornalismo. Observamos um leque amplo de conteúdos negligenciados pelos cursos. Seja do ponto de vista teórico, prático ou interdisciplinar, as relações são inúmeras. Cosmofobia (Bispo Dos Santos, 2023), Jornalismo de subjetividade (Moraes, 2022), Racismo linguístico (Nascimento, 2019), Letramento racial (Twine, 2004), História da imprensa negra (Pinto, 2010), são temas diretamente relacionados às comunicações e sistematicamente excluídos dos currículos em análise.

Ao apontarmos a negligência nas relações possíveis - e necessárias - entre Jornalismo e questões negras, compreendemos este debate como essencialmente político, cujas lacunas raciais na formação jornalística podem operar como potencializadoras do racismo cotidiano sofrido por pessoas não brancas, sobretudo negras, pois são esses profissionais que vão atuar em espaços de criação de imaginários (as redações, como aqui já dito) e, assim, terão o poder de, a partir das publicações que fazem, fomentar estereótipos históricos.

Isso se expressa nos jornais, a exemplo da reportagem “*Bunker de bandidos, Complexo da Maré concentra mais de 240 foragidos da Justiça*”⁶, que criminaliza uma comunidade de mais de 130 mil pessoas, das quais a maioria é negra, sob a égide de um pretense interesse público na segurança da área. Mas também no “*Perfil Racial da Imprensa Brasileira*”⁷, ao revelar que 77,6% dos(as) jornalistas são brancos(as). Ou

⁶ Para mais:

<https://revistaforum.com.br/midia/2020/8/26/globo-chama-complexo-da-mare-de-bunker-de-bandidos-criticada-nas-redes-sociais-81418.html>

⁷ Para mais: <https://static.poder360.com.br/2021/11/pesquisa-perfil-racial-da-imprensa-17-nov-2021.pdf>

mesmo no “Perfil do Jornalista Brasileiro⁸”, que fala em 67,8% de brancos(as). Ou seja: tal qual no princípio da imprensa, negros continuam na condição de minoria.

Currículo e Colonização do Saber

Seja no período colonial, na inauguração do primeiro curso de jornalismo no Brasil ou nos dias de hoje (como evidencia esta análise), as universidades permanecem como lugares de formulação de imaginários coloniais, racistas e de materialização da “colonialidade do saber” (Lander, 2005). Revela o “legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias” (Porto-Gonçalves, 2005, s/p).

Pela relevância que tem a raça, o racismo e as relações raciais no Brasil, consideramos que essas temáticas precisam fazer parte da formação do jornalista, estando na espinha dorsal dos ementários dos cursos. Devem constar nos projetos pedagógicos e gerar desdobramentos teóricos, práticos e interdisciplinares. Hoje, ao dependerem, como dependem, quase que exclusivamente, da predileção pessoal de professores e professoras com algum letramento racial, orbitam na esfera privada de cada um(a), quando o problema em questão é de ordem pública. Como nos ensina Almeida (2019): diante da característica estrutural do racismo, a luta contra ele também necessita de ser feita em âmbito estrutural (e não apenas individual).

Por fim, cabe dizer do quanto a inclusão da raça nos ementários dos cursos poderia ser meio facilitador de os(as) alunos(as) refletirem sobre a própria identidade racial. Embora não seja esse o papel do ambiente universitário (ou, no caso, da formação em Jornalismo), seria o exercer de uma função social resultante de uma atuação *lato sensu* da universidade. Algo de grande importância em um país no qual ainda predomina a narrativa da mestiçagem como corolário de uma interação saudável e pacífica entre raças. E, em tratando-se do Ceará, isso dar-se também graças às narrativas que a mídia, feita pelos profissionais egressos de cursos como os aqui analisados, produz sobre a origem populacional local ser nórdica mesmo diante de provas documentais sobre o negro cearense advir de Angola e Congo (Ferreira, 2020).

⁸ Para mais:

[https://perfildojornalista.ufsc.br/#:~:text=O%20Perfil%20do%20Jornalista%20Brasileiro.Pesquisadores%20em%20Jornalismo%20\(SBPIOR\).](https://perfildojornalista.ufsc.br/#:~:text=O%20Perfil%20do%20Jornalista%20Brasileiro.Pesquisadores%20em%20Jornalismo%20(SBPIOR).)

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- FERREIRA, Hilário. **Negros e negras cearenses, afirmo sua existência**. Ceará Criolo, Fortaleza, Ceará, 2020. Disponível em: <https://cearacriolo.com.br/negros-e-negras-cearenses-afirmo-suaexistencia/>. Acesso em 25 mar. 2024.
- GONZALEZ, Lélia. **Lugar de negro**. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- LANDER, Edgard (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais** Buenos Aires, Colección Sur Sur, CLACSO, 2005.
- MALDONADO, Alberto Efendy. Contribuciones transmetodológicas para el análisis de procesos comunicativos contemporáneos. *Mediaciones Sociales*, nº 15, pp. 1-15, 2016.
- MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. 1 ed. - Porto Alegre [RS]: Arquipelago, 2022.
- NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. Apresentação. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais** Buenos Aires, Colección Sur Sur, CLACSO, 2005.
- QUIJANO, Anibal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005
- SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 1998.
- TWINE, France Winddance (2004) **A white side of black Britain: The concept of racial literacy**, *Ethnic and Racial Studies*, 27:6, 878-907, DOI: 10.1080/0141987042000268512. Acesso em 22 set 2022.